

BARACK OBAMA E OS FILHOS DA GLOBALIZAÇÃO¹

Robert Allen²

A eleição de Barack Obama, como o 44º presidente dos Estados Unidos da América, foi um evento de profunda significação histórica. Como negro, Obama rompeu uma longa tradição de eleição de presidentes brancos, uma tradição legalmente reforçada pelas leis norte-americanas que negavam o direito de voto às pessoas negras e mulheres de todas as raças. As mulheres brancas ganharam o direito ao voto em 1920, mas, com uma pequena exceção de um pequeno período durante a Reconstrução. Entretanto, foi em 1965, que o direito ao voto foi extensivo a homens e mulheres negras em muitas partes dos Estados Unidos. Foram necessárias décadas de lutas, mortes e prisões para que esse direito civil fosse instituído. Barack Obama foi participante e também beneficiário dessa luta por justiça. Sua eleição foi uma grande vitória para a liberdade dos movimentos negros que incluíram figuras como Martin Luther King, Jr, Rosa Parks, Malcolm X, Angela Davis, e muitos outros. Alguns dizem que a eleição de Obama prova que a América transformou-se numa sociedade pós-racial através da qual a forma como se é tratado é determinada pelo caráter e não pela cor. Infelizmente isso não é verdade.

Os Estados Unidos continuam uma sociedade racializada, como demonstram uma série de incidentes que ocorreram desde a eleição, incluindo ataques à pessoa do Presidente. Por exemplo, a contínua acusação de que Obama não é um filho natural e cidadão nascido nos Estados Unidos e por isso não pode ser presidente. Eu duvido que essas acusações fossem feitas a Obama se ele fosse branco.

Ironicamente, para alguns afro-americanos, Obama não foi considerado suficientemente “negro”, ou seja, ele não foi considerado um autêntico afro-americano, uma vez que sua mãe era branca e seu pai, um estudante africano do Kenya, ao invés de um negro nascido nos Estados Unidos cujos ancestrais foram escravos na América. Nos Estados Unidos, para muitos, qualquer reconhecimento de um ancestral negro torna a pessoa legalmente negra. Essa era a lei. Mulatos não existiam. Você era negro ou branco, sem nenhum meio termo. Esse ato coercivo legal pode ser entendido através das diferentes tonalidades de afro-americanos. Eu, entretanto, enfatizaria que, sob a lei, “uma gota”, como uma regra conhecida por qualquer um afro-americano torna Obama racialmente negro, embora suas referências culturais sejam complexas e diferentes da maioria dos afro-americanos. Sob essa perspectiva, Obama não está sozinho. Há um crescente aumento de uma

¹ Artigo traduzido por Zélia Monteiro Bora. Doutora em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Brown University. Professora Associada do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

² Doutor em Sociologia pela Universidade da Califórnia em São Francisco. Lecionou em várias Universidades nos Estados Unidos. Há quinze anos, tornou-se professor dos Departamentos de Estudos Afro-americanos e Estudos Éticos da Universidade da Califórnia, em Berkeley. É autor dos seguintes livros: *Black Awakening in Capitalist America*; *Reluctant Reformers: The Impact of Racism on Social Movement in the U.S.*; *The Port Chicago Mutiny*; e *Brotherman: The Odyssey of Black Men in America*. Seus livros mais recentes são: *Strong in the Struggle* (the life of labor leader Lee Brown); e *Honoring Sergeant Carter: A Family's Journey to Uncover the Truth About an American Hero*. É editor do jornal *The Black Scholar*.

população de um milhão de jovens nos Estados Unidos que são filhos de recentes migrantes da África, Ásia, Latin American e Caribe. Esses filhos de imigrantes estão desempenhando um importante papel político nos Estados Unidos, e por toda a Europa também, se a população afro-americana original pode se considerar como filhos da globalização. Ambas as comunidades têm em comum a história do colonialismo e seus efeitos. Essa história também oferece um profundo entendimento sobre o fenômeno Obama que transcende a própria história do país.

NEOCOLONIZAÇÃO INTERNA

Como todos sabemos, o crescimento das populações africanas no novo mundo pode ser traçada através do colonialismo Europeu e a introdução da escravidão como a principal força de trabalho nos campos e minas das Américas. Os primeiros escravos na América Inglesa foram trazidos em 1619 pelo barco holandês para Jamestown, Virgínia, um ano antes da chegada dos primeiros colonos em Plymouth. Os ingleses logo descobriram os lucros que o comércio de escravos poderia lhes trazer, juntamente com as colheitas feitas por escravos. Durante a guerra Civil Americana havia quatro milhões de escravos no país.

A abolição da escravatura em 1865 não finalizou a exploração dos trabalhadores negros. As comunidades negras foram reduzidas pela servidão instituída pelo sistema agrário no sul e a discriminação racial no norte, enquanto as senzalas foram substituídas pelas comunidades afro-americanas. Escravizados, explorados e segregados, os afro-americanos transformaram-se em efeito “uma nação dentro da Nação”. Em 1945, o grande acadêmico negro, W.E.B Du Bois falou sobre o “status colonial” dos negros americanos, e, em 1962, com o movimento dos direitos civis, essa idéia foi ganhando força. Harold Cruse, outro importante intelectual negro, escreveu que a situação nos negros nos Estados Unidos, “não era mais do que a condição de um colonialismo doméstico”. Em 1965, o sociólogo Kenneth Clark escreveu que os “guetos negros eram políticos, sociais e educacionais”. Acima de tudo, eles eram colônias econômicas. Seus habitantes foram vítimas da ganância, crueldade e insensibilidade, culpa e medo dos seus senhores.

Com a emergência do Movimento Black Power em 1966, o conceito de comunidade negra como um tipo de colônia doméstica na América foi amplamente discutido. O argumento era de que a comunidade negra era política, econômica e militarmente subjugada a América branca, a exemplo das colônias na África e na Ásia, sob o controle direto dos poderes Europeus. As colônias não necessitam serem externas, elas podem ser também internas, como as reservas indígenas ou os guetos urbanos habitados por negros, latinos e norte-americanos de origem asiática. O mais crítico foi que a relação e suas estruturas foram delineadas, especialmente, através de uma relação de dominação e subordinação.

Essa relação colonial foi apenas aparentemente nas décadas antes dos chamados Movimentos pelos Direitos Civis, implementado pelo governo com o objetivo de acabar com a segregação nas comunidades que eram espacialmente separadas do mundo branco. No sul, as crianças negras frequentavam escolas segregadas e os adultos foram destituídos de seus direitos civis. O poder estava nas mãos dos brancos. Economicamente, as comunidades negras viviam da agricultura enquanto o trabalho não especializado era desempenhado pelos brancos em indústrias cujos

donos eram brancos e possuíam negócios. Os negros estavam sob o controle de um sistema penal ao qual eles tinham que negar.

Em 1969, meu primeiro livro, *Black Awakening in Capitalist America*, foi publicado. Ele propõe um exame do Movimento Black Power do ponto de vista da teoria do colonialismo interno. Diante de seus pressupostos, era evidente que as relações coloniais estavam mudando graças às pressões exercidas pela Guerra Fria e o Movimento pelos Direitos Civis. Entretanto os problemas não estavam se acabando. Ao invés disso, metamorfoseavam-se sob outras formas. Do ponto de vista conceitual, eu diria que, durante esse período, teve início a emergência de uma literatura sobre o neo-colonialismo, incluindo o livro de Kwame Nkrumah, *Neo-colonialism: the Last Stage of Imperialism* (Neo-colonialismo: o último estágio do Imperialismo). Eu mencionei que, nas últimas décadas dos anos sessenta, uma nova situação neo-colonial estava sendo motivada pela relação entre brancos e negros nos Estados Unidos. Essa mudança denominada neo-colonialismo foi motivada pela crescente intervenção da militância do Black Power e das rebeliões em dezenas de cidades norte-americanas de estrutura branca de poder, cuja liderança política estava em crise, tornando-se questionada pelas comunidades negras sob os níveis local e nacional. Como resultado, a estrutura branca de poder procurou manter sua hegemonia pela substituição direta do controle branco da comunidade interna por um controle neo-colonial através das mediações com grupos intermediários negros, em um período internacional de lutas quando o colonialismo Europeu cedeu lugar ao neo-colonialismo no Terceiro Mundo.

Por contato direto, o controle branco foi expresso através de uma política conservadora e segregacionista. As classes dominantes do sul dos Estados Unidos, indiretamente sob o controle do neo-colonialismo, eram também caracterizadas como o poder branco liberal do Norte.

Esse neo-colonialismo servia aos interesses da estrutura branca de poder. Pelo desenvolvimento de uma classe negra de profissionais liberais, políticos, burocratas e homens de negócios, desenvolveu-se uma classe intermediária que poderia ser usada como arrotisadora e cooptadora pela estrutura do poder branco para atuar no controle das comunidades. Assimilacionistas discutiam que o conflito racial desapareceria à medida em que os negros fossem integrados nos principais estratos da comunidade política, econômica e cultural da América. O modelo neocolonial sugeria que apenas membros da classe média teriam a possibilidade (parcial) de serem assimilados, e que o conflito racial (e de classe) continuaria apesar dos ganhos de alguns setores da classe média.

Vivemos em um mundo através do qual o legado do colonialismo e escravidão ainda existem. Esse legado é chamado globalização. Ela é impulsionada por forças em tensão surgidas em consequência desse processo. O economista Andrew Barlow, em seu recente livro *Between Fear and Hope: Globalization and Race in the United States*, faz uma importante distinção entre Mercado de Globalização e Globalização Social. Mercado de Globalização refere-se à exportação de capital norte-americano e europeu e, muitas vezes, indústrias inteiras, em busca de salários mais baixos e mercados lucrativos que possam garantir o crescimento e domínio do capital de economias pertencentes à África, América Latina, Oriente Médio e

Ásia. A globalização social refere-se ao impacto que o mercado da globalização tem sobre as pessoas arrancadas das sociedades tradicionais para lançá-las no movimento global à procura de uma economia de sobrevivência. Por exemplo, o México, sozinho nesse despertar da NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), teve quase dois milhões de desempregados, gerando uma crise social. Dez milhões de refugiados econômicos, abrangendo pessoas de cor, estão sendo criadas em dezenas de nações e forçadas a uma imigração interna, entre as nações e continentes. Como consequência, Barlow discute que o crescente número de pessoas marginalizadas estão desenvolvendo uma nova consciência que identifica a irregularidade do mercado globalizado e suas manifestações como racismo, inimigo de todos os seres humanos. De fato, esses milhões de marginalizados, são elementos constituintes para a mudança social.

Na realidade, um novo movimento global pela justiça, direitos humanos e sanitização tem mobilizado dezenas de jovens ativistas nos Estados Unidos e ao redor do globo. A longa história do colonialismo e escravidão possui sua explicação para além da população não-indígena de cor no hemisfério norte, mas o neo-imperialismo do mercado global aumentou essas populações nos Estados Unidos através da imigração de milhões de trabalhadores desagregados. O confronto dessa população com o racismo norte-americano teve um efeito radicalizante sobre muitos desses novos imigrantes, especialmente jovens, que descobriram que as suas esperanças por uma vida melhor nos Estados Unidos está fundamentalmente comprimida pela realidade da discriminação racial. Os filhos desses novos imigrantes coloniais – as crianças transnacionais da globalização – muitos deles jovens adultos serão especialmente os agentes críticos na luta por uma justiça social e global. Esses milhões de novos sujeitos coloniais e raciais, para usarmos o termo de Ramon Grosfoguel, em seu livro *Colonial subjects: Puerto Ricans in Global Perspective*, com os seus milhões de descendentes das primeiras migrações causadas pela escravidão e colonialismo, constituem uma força progressiva em potencial para as mudanças democráticas.

OBAMA E OS FILHOS DA GLOBALIZAÇÃO

Dessa maneira perguntamos: como Obama se encaixa nesse contexto? Muito tem sido escrito sobre a problemática da identidade racial de Obama. O fato de sua ancestralidade mestiça levantou o debate sobre se ele é “negro o suficiente” ou “negro demais”. Obscurecido pelo debate sobre identidade racial é igualmente significativo aspecto de sua identidade. Barack Obama é um exemplo do que eu chamo de “filhos transnacionais e racializados da globalização”.

No momento em que escrevi o artigo, Barack Obama estava emergindo como uma figura política, após um poderoso discurso na Convenção Nacional Democrática em 2004. Posteriormente li suas memórias, *Dreams For my Father*, e, como muitos leitores, eu fiquei intrigado pela história de Obama. Eu particularmente fiquei estarecido por suas experiências de vida em mover-se entre diferentes culturas, raças e nacionalidades. Pareceu-me que ele era muito mais do que bi-racial, ele tornou-se a incorporação de uma nova sociedade global.

Barack Obama nasceu em 1961 em Havaí, filho de um pai africano e uma mãe norte-americana branca. Na época do casamento de seus pais, casamentos

interraciais eram proibidos por lei em muitas partes dos Estados Unidos, mas não no Havaí, como parte dos Estados Unidos, mas como um lugar estrangeiro cuja população exótica de mulheres de pele escura usando saias de grama e de homens que desfrutavam uma boa vida sob o sol. A realidade era que o estado de Havaí era território norte-americano, uma espécie de colônia que tornou-se independente em 1956. Localizado no meio do Oceano Pacífico, ele foi de um grande valor militar, como base para a marinha norte-americana. A maioria da população havaiana era asiática que trabalhava como mão de obra barata agrícola nas grandes fazendas. Os pais de Obama eram ambos estudantes. Seu pai também chamado Barack era do Kenya, uma ex-colônia Britânica que ganhou a sua independência em 1963. Obama pai era um brilhante estudante e detentor de uma grande auto confiança e um homem que preferia ganhar suas lutas com a sua inteligência do que com os punhos. O pai de Obama, filho de um próspero fazendeiro, viveu no Havaí somente até 1963. Ele, eventualmente, retornou para a sua família no Kenya e, por um tempo, trabalhou no novo governo. Obama viu o seu pai somente brevemente anos depois. Depois da súbita morte de seu pai, Obama viajou para Nairobi à procura da numerosa família de seu pai e de sua própria herança. Esta foi para ele um despertar que deu a ele a experiência sobre a vida de sua família na ex-colônia que estava transformando-se sob controle do neo-colonialismo.

A mãe de Obama, Ann, era de Kansas, um Estado do meio-oeste americano, onde os abolicionistas enfrentaram-se com os donos de escravos centenas de anos antes. Em busca de uma nova vida, os pais de Obama viveram em muitos lugares antes de mudarem-se para o Havaí. Ana matriculou-se como uma estudante de antropologia na Universidade do Havaí onde conheceu seu futuro marido. Eles casaram-se em 1960. No Havaí, o seu casamento interracial era aceito, mas eles sabiam que, em muitos Estados importantes, o casamento deles era ilegal e considerado como uma ameaça à estabilidade social. Um das realizações do Movimento pelos Direitos Civis em 1967 foi envergonhar a corte suprema norte-americana declarando que casamentos interraciais não era crime. A corte apelou através de leis anti-miscigenação em muitos Estados. Quando o velho Barack deixou a sua família, foi Ann que se certificou que o seu filho tinha aprendido a história dos Afro-Americanos e a sua longa luta pelos direitos civis e humanos.

Barack Obama não é tecnicamente um filho de um imigrante, uma vez que seu pai não imigrou para os Estados Unidos. Entretanto, Obama teve uma experiência comum às crianças filhas de imigrantes, notadamente, vivendo em uma família onde pelo menos um dos pais era estrangeiro.

Após o divórcio de seus pais, sua mãe subsequentemente casou-se com outro estudante, um indonésio chamado Lolo e a família mudou-se para Jakarta, onde a sua irmã Maya, nasceu. A família mudou-se para Djakarta permanecendo mais de três anos. Obama frequentou uma escola indonésia, não norte-americana e aprendeu as línguas da Indonésia, assim como os hábitos sociais e religiosos de seu novo lar. Seu padrasto era muçumano e Obama aprendeu também as práticas da religião Islâmica.

Ele fez muitos amigos entre as crianças que encontrou. Em sua autobiografia ele escreveu: “as crianças dos fazendeiros, empregados e burocráticos de baixo nível

tornaram-se meus melhores amigos, e juntos corríamos as ruas manhã e noite, fazendo biscoites, jogando crickets, empinado papagaios com as linhas cortantes - o perdedor veria sua pipa desaparecer com o vento, e eles sabiam que, em algum lugar, outras crianças faziam fila, olhando o céu, esperando o prêmio” (p.36-38) No começo do ano, quando o filme *Slumdog Millionaire* um repórter perguntou ao presidente se ele viu o filme, e ele respondeu que o filme lembrava a sua vida de criança correndo nas ruas de Djakarta. Essa simples imagem é bastante surpreendente vir da boca de um presidente norte-americano. Quantos presidentes podem afirmar pela sua própria experiência o que significa ser uma criança em uma antiga sociedade colonial na Ásia?

Há mais ainda do que ele aprendeu. A família de seu padrasto envolveu-se em uma luta contra os holandeses colonialistas. Lolo, seu padrasto, contou-lhe histórias sobre observar seu pai e irmão mais velho partirem para se juntar ao exército revolucionário, e ouvir a notícia de que ambos tinham sido mortos e tudo perdido, depois do exército holandês ter atirado fogo em suas casa, sua mãe vendendo as jóias para comprarem alimentos e fugirem para o campo. “As coisas estariam mudando agora que os holandeses foram expulsos”, Lolo disse. Esta foi a introdução de Obama para a realidade da luta contra o colonialismo holandês.

Tanto a consciência transnacional de Obama foi moldada por suas experiências, como também a sua consciência African American. É fascinante seguir a sua construção de si mesmo como um afro-americano. Como adolescente e jovem adulto, ele criou diferentes personas (e denominações). Como negro norte-americano, ele estabeleceu um sentido bastante coerente de si mesmo durante os anos em que viveu como um organizador da comunidade negra ao Sul de Chicago. Este foi o seu batismo de imersão na cultura e valores fundamentais da América Negra. Lá, ele conheceu trabalhadores negros e negros que lutavam para sobreviver, estabelecerem-se socialmente e educarem seus filhos. Mas, diante de uma cidade hostil e burocrata, eles precisavam de toda ajuda que poderiam receber. Em Chicago, Obama experimentou o que significava sobreviver em uma colônia interna racializada.

Foi também em Chicago que Barack conheceu Michelle Robinson, que se tornaria sua esposa. Como Barack, Michelle é uma graduada na Faculdade de Direito de Harvard. Os ancestrais de Michele foram escravos no sul dos Estados Unidos. Como uma estudante brilhante, Michele ganhou bolsas de estudos para frequentar as escolas superiores, mas ela sempre se manteve solidamente enraizada na comunidade negra de Chicago. Ela retornou de Harvard para trabalhar em um escritório de advocacia em Chicago, onde ela e Barack conheceram-se. Há dúvidas se Michelle realmente foi uma grande influência política sobre Barack. O que se sabe é que durante a campanha presidencial, em 2008, ela disse: “Pela primeira vez na minha vida adulta estou orgulhosa do meu país, porque parece que a esperança está finalmente voltando.” Ela foi muito criticada pela mídia branca por essa afirmação, mas foi uma declaração honesta e forte que refletiu como muitos afro-americanos e outras pessoas de cor se sentiam. Eu acho que Michele, ao seu lado, pode ajudá-lo a manter essa coerência. Ele claramente respeita a sua inteligência, sua honestidade, e sua franqueza. Além disso, foi a partir de seu casamento com Michelle e do nascimento de suas duas filhas que Barack alcançou o autêntico sentido de identidade pessoal que procurou durante a sua juventude.

As experiências transnacionais de Obama e as suas experiências como um afro-americano o ligaram aos imigrantes e aos filhos da globalização. Através das escolas públicas e da cultura popular, os filhos dos emigrantes de cor são totalmente socializados na cultura norte-americana (e muitas vezes afro-americana), inclusive enfrentando o racismo em suas vidas. Os seus pais imigrantes tinham uma certa dificuldade em assimilar o racismo norte-americano (que triunfa sobre a nacionalidade), enquanto os filhos passaram a entender isso muito bem. Se os pais evitavam falar sobre o racismo e não “forçar a barra”, os filhos nascidos nos Estados Unidos estão prontos a enfrentá-lo e unirem-se em lutas anti-racistas. Estes são os filhos da globalização, das quais Obama é parte.

Uma outra característica das crianças transnacionais é que elas podem ativamente construir sua própria relação direta e íntima com a terra natal de seus pais. As modernas tecnologias de comunicações via satélite, incluindo a Internet, sites de redes sociais como MySpace e Facebook, telefonemas internacionais a baixo custo, cartões telefônicos, celulares, fotos digitalizadas e vídeos, tudo isso torna possível, fácil e barato interagir com os seus primos, amigos, tias e tios e avós no país ancestral. Com o advento das viagens a jato, acessível desde a década de 1970, ficou mais fácil visitar familiares, desenvolver e manter um senso de conexão com a cultura dos pais e a sua língua. Ao contrário dos primeiros imigrantes, especialmente os imigrantes europeus, cujo desejo mais profundo era o de assimilar e tornarem-se como outros americanos (brancos), os filhos de globalização, muitas vezes, procuram manter (ou criarem) uma ligação viva com a cultura ancestral. Eles também sabem que a assimilação e aceitação na sociedade norte-americana podem muito bem serem bloqueadas por racismo. Ao contrário das gerações anteriores, em que a jornada para os Estados Unidos significou o fim do contato físico e cultural com o “velho mundo”, para muitos dos filhos de globalização, as conexões físicas e culturais com o mundo ancestral são ativamente realimentadas. Esses jovens são, muitas vezes, bastante conscientes sobre as condições econômicas das terras de seus pais, e estas têm sido moldadas pelas intervenções culturais e européias, neoimperialistas militares, econômicas e políticas. Crescendo nos Estados Unidos, frequentemente em contato com o neocolonialismo interno, eles adquirem a experiência do racismo norte-americano em termos pessoais. Os filhos da globalização incorporam uma ligação viva entre o mundo colonizado e o (neo) colonialismo interno do mundo ocidental. Eles residem em um cruzamento entre o colonialismo externo e interno. Podem, portanto, ter a experiência a qual Du Bois denominou: “dupla consciência” – que se caracteriza como o despertar de uma consciência sobre as contradições das identidades sociais e culturais que se manifestam dentro da psiquê. Outros escritores também postularam essas identidades interseccionais através de conceitos como: “consciência de fronteira”, “consciência mestiça”, “cidadania diaspórica”, “consciência feminina”, “identidades etno-nacionais” e “etnorraciais”. A tensão gerada pelas identidades intersetoriais e dupla consciência pode ser uma poderosa fonte de energia psíquica que pode conduzir a criatividade cultural e ao ativismo social.

É importante reconhecer que os filhos da globalização não são simplesmente um fenômeno norte-americano. Elas constituem populações significativas na Holanda, bem como em outros países Europeus e no Reino Unido. Elas fizeram a sua

presença conhecida nos últimos anos, como participantes de protestos generalizados contra a intolerância racial e religiosa em países europeus. Essa população não-emigrante, incluindo os jovens brancos, também é afetada pelas novas tecnologias de comunicação global que pode torná-los mais conscientes das interligações e da humanidade comum entre todos os povos do mundo.

Eu acredito que a eleição de Obama é indicativo da emergência política e progressiva de afro-americanos, latinos, asiáticos, brancos progressistas nos EUA, embora não haja nenhuma garantia automática de que a juventude transnacional se engajará em um ativismo social anti-racista. A candidatura de Obama mobilizou milhões de jovens, alguns dos quais são filhos de imigrantes. A mobilização dos jovens é um sinal de esperança, mas resta saber se esse ativismo pode ser reformulado em termos de um movimento progressivo que sobreviverá a campanha.

Há também questões de classe e de cor entre os jovens transnacionais. Alguns são filhos de pais imigrantes ricos, alguns são filhos de profissionais que podem (ou não) ser capazes de praticar suas profissões nos Estados Unidos, outros são filhos de refugiados (políticos e econômicos), ou filhos de trabalhadores deslocados. Alguns, como Obama, pode ser de raça mista, o que complica ainda mais a sua identidade. Para todas as crianças racializadas dos imigrantes, as suas experiências de socialização irão variar dependendo do fenótipo, classe e gênero. Aquelas com cor de pele mais escura são freqüentemente racializadas mais de perto com os afro-americanos.

Embora os filhos da globalização sejam geralmente racializados como pessoas de cor, há problemas de cor e atitudes anti-negras que são problemáticas. Em seu livro, *The Karma of Brown Folk*, o estudioso Vijay Prashad reconhece este problema e sugere a necessidade de construir solidariedades entre grupos de diferentes origens raciais e étnicas. Para ter certeza, a experiência dos imigrantes sempre foi uma experiência racializada. A Lei de naturalização de 1790, prescrevia que só as pessoas brancas eram elegíveis para se tornarem cidadãos naturalizados norte-americanos. Esta pôs em marcha uma série de petições legais para naturalização que continuou até meados do século vinte através dos quais vários grupos de imigrantes procuraram provar que eles eram brancos, a fim de se tornarem elegíveis para naturalização. A necessidade em provar a “brancura”, é também uma oportunidade de se distanciar da “negritude”. Nas últimas décadas, a dominação global de mídia e cultura popular dos Estados Unidos infundiu, em um número de imigrantes, sementes de racismo contra os negros muito antes deles deixarem seus países de origem. Na chegada aos E.U.A, isso muitas vezes se traduz em hostilidade contra os afro-americanos em geral e, em particular, o antagonismo dos pais para com a juventude negra e a cultura da juventude negra. Certamente, a questão da cor e atitudes anti-negras apresentam barreiras para o desenvolvimento da solidariedade sobre a diferença racial.

Outra questão problemática é que o império americano tem vagas imediatas nos negócios, no governo, nos bancos, nas ONGs, na mídia e organizações culturais para pessoas que possam servir aos seus interesses. Obama e os filhos de globalização estarão sob intensa pressão para desempenharem o papel de agentes neocoloniais a serviço do império americano. Mesmo sob as intenções mais progressistas, presidente Obama não poderá avançar com um programa de mudança para uma sociedade mais justa e equitativa, sem o apoio de um poderoso movimento crítico

independentemente progressiva. Se tal movimento surgirá como um agente de mudança é uma questão ainda em aberto.

Embora existam problemas e incertezas, há também novas oportunidades que surgem no curso da história e luta atuais. Na era da presidência de Barack Obama, teremos a oportunidade de construir uma política progressista e majoritária nos Estados Unidos que pode produzir mudanças substanciais a nível nacional e global. Eu defendo que a eleição de Obama é a prova do crescimento dessa maioria progressiva. Se vocês examinarem os números da eleição é evidente que Obama foi eleito pelos americanos afro-americanos (95%), latinos (67%) e asiáticos (62%). Ele ganhou apenas 43% dos votos em geral branco, mas ele ganhou 54% dos votos da juventude branca. Ele também ganhou 69% dos eleitores que votaram pela primeira vez, que incluem muitos imigrantes e jovens. Esta é a nova maioria progressista em formação. Defendo que, nos últimos dez anos, temos visto isso na formação da Califórnia, onde moro, agora estendendo-se a outras partes do país. A direita compreende este fenômeno muito bem e fará todo o possível para minar essas maiorias emergentes através das táticas: dividir e conquistar como a Califórnia Propositions 187, 209, e outras. Mas as novas forças sociais emergentes terão impacto neste processo, elas são a força dos filhos de imigrantes de cor que vieram para os EUA nas últimas duas décadas. Esta “segunda nova geração”, ou o que eu chamo de filhos de globalização, têm características que os ligam às colônias internas, bem como à colônias externas do terceiro mundo. Barack Obama é um exemplo deste novo tipo de pessoa transnacional, embora continue a ser visto através de como a história irá julgá-lo e todos nós tomaremos parte nesse processo. É a agência do povo e os seus advogados que podem, como fizeram no passado, impulsionar líderes nacionais (como: Lincoln, Roosevelt, Kennedy-Johnson) a tomarem medidas progressistas. Os muitos milhões de filhos de imigrantes nos os EUA e milhões na Europa e outras partes do mundo são uma nova formação social capaz dessa agência. Eles fizeram a sua presença conhecida através de protestos em massa contra a opressão colonial racista em cidades como Paris e Londres, entre outras. Muitos são os ativistas que lutam pela justiça social. Eu acredito que estes são os aliados que Malcolm X tinha em mente quando ele falou da construção de uma aliança global contra o colonialismo, capitalista e racista.

Para concluir, eu sugeri que uma visão mais profunda sobre Barack Obama pode ser obtida através do entendimento dele como sendo parte das crianças racializadas transnacionais da globalização. Alguns comentaristas notaram que ele tem mais um potencial global e menos paroquial do que a maioria dos políticos norte americanos. Em seu livro de memórias, pode-se ver como as suas experiências com o colonialismo interno em Chicago, e os laços familiares com experiências no exterior e ex-colônias (Indonésia e Quênia) moldou a sua visão de si mesmo e seu lugar no mundo. Eu acho que ele entende a si mesmo - e os Estados Unidos - como localizados em um mundo global que está cada vez mais estreitamente ligado e continuamente dividido e oprimido pelas forças do neocolonialismo. A esperança que ele representa para muitos é a possibilidade de uma transformação social e política que possa substituir a divisão e opressão, pela solidariedade e libertação. Essa esperança está além do poder de qualquer pessoa, até mesmo o presidente dos Estados Unidos. Essa esperança só pode ser alcançada através da organização de um movimento social de milhões

de pessoas, bem mais do que o movimento afro-americano pelos direitos civis que mobilizou massas de pessoas de todas as raças para lutar pela igualdade e liberdade. Eu acredito que devemos construir a justiça independente dos movimentos sociais e organizações que reúnem comunidades colonizadas/ racializadas, imigrantes e seus filhos, e os brancos progressistas em uma luta comum. Estas são as forças que podem transformar a história em uma nova direção. Em seu discurso de vitória, na noite das eleições, Barack Obama disse: “Esta vitória não é somente a mudança que buscamos - é a única chance para que façamos essa mudança”.

Em conclusão, acredito que os filhos da globalização podem ser importantes aliados na luta pela mudança, a luta por uma sociedade democrática e igualitária, nova e global. Esta é a luta dos nossos tempos.

RESUMO

O artigo sustenta que a eleição de Barack Obama, como o 44o presidente dos Estados Unidos da América, foi um evento de profunda significação histórica. Obama rompeu uma longa tradição de eleição de presidentes brancos, uma tradição legalmente reforçada pelas leis norte-americanas que negavam, durante muito tempo, o direito de voto às pessoas negras e mulheres de todas as raças. Essa história também oferece um profundo entendimento sobre o fenômeno Obama, cujo pai africano, transcende a própria história dos Estados Unidos.

Palavras Chave: História dos Estados Unidos; Racismo; Globalização.

ABSTRACT

The paper supports that Barack Obama's election as United States of America's 44th president was an event of deep historical significance. Obama broke a long tradition of white presidents' election, a tradition legally strengthened by the North American laws that denied, in a long period, the right to vote to black people and women of all the races. This history also offers a deep understanding on the Obama phenomenon, whose African father exceeds the proper United States History.

Keywords: USA History; Racism; Globalization.